

# Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais

Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH-USP

## Linhas de pesquisa

### Educação, Saúde e Cultura

Nesta linha de pesquisa participam pesquisadores com formação na área das ciências biológicas e da saúde (biólogos e neurocientistas) e das ciências humanas (sociólogos, psicólogos e educadores) que se interessam em promover uma produção científica capaz de interrogar, à luz de processos históricos, os modos pelos quais os constructos teóricos e as práticas no campo da educação e da saúde participam da constituição da cultura e da construção das identidades nas sociedades contemporâneas.

Pretende-se investigar como se produzem determinadas categorias de pensamento que circulam amplamente nas sociedades e definem nossa percepção das identidades individuais ou coletivas. Trata-se, por exemplo, das distinções entre o normal e o patológico; entre o feminino e o masculino; entre as classes sociais; entre os instruídos e os não instruídos. Percebidas como categorias naturais e, por isso mesmo, universais, tais classificações, constitutivas de uma dada cultura, tendem a ser consideradas imutáveis quando se ignora sua história. Ao serem incorporadas, podem engendrar inclusões, exclusões e estigmas, circunscrevendo as possibilidades de atuação de indivíduos e grupos. As pesquisas que se inserem nesta linha pretendem contribuir para a compreensão deste universo de preocupações, buscando desnaturalizar e problematizar o que é da ordem do humano e, portanto, diz respeito à história, à sociedade, à cultura.

Busca-se focalizar o sistema de ensino como um produto cultural que emergiu no final do século XIX e que, por sua vez, vem criando uma cultura própria. Cultura diversificada e, por isso mesmo, considerada não como expressão única do que ocorre na instituição escolar, mas como uma série de produções específicas de determinados momentos históricos que estão materializadas nas unidades escolares, nas formas de institucionalização da profissão docente, nos currículos, no conjunto de representações sobre o que é ser aluno/a, na divisão dos diferentes ciclos de ensino etc.

Empenhados na investigação de diferentes objetos, as/os pesquisadoras/es desta linha compartilham o interesse pelas relações e conexões entre diversas instituições sociais,

notadamente o sistema de saúde e o sistema de ensino. Trata-se de instituições sociais centrais nas sociedades contemporâneas e que possuem participação decisiva para a constituição das relações sociais. Mediante a experiência do corpo docente aqui reunido, se pretende atingir, a partir da discussão integrada dos objetos de pesquisa específicos de cada pesquisador, tanto as instâncias educativas em sua pluralidade (as configurações familiares, a instituição escolar, o discurso científico), como o conhecimento biomédico e a prática da promoção da saúde, tomando-as como produções culturais das sociedades nas quais estão inseridas.

Nas sociedades escolarizadas – caracterizadas pela presença de sistemas de ensino, encarregados da transmissão da cultura – não é possível compreender a construção das identidades nem a cultura sem investigar os processos educativos. Da mesma maneira, nas sociedades medicalizadas – caracterizadas por concepções de saúde e de doença, práticas e técnicas construídas pelo saber biomédico – e nas quais o poder público é responsável por promover a saúde da população, é preciso investigar os critérios de normalidade / patologia; saúde / doença; desenvolvimento / degeneração, que, oriundos da racionalidade científica, orientam as práticas de assistência à saúde. Em suma, a linha de pesquisa Cultura, Educação e Saúde pretende que os estudantes desenvolvam uma compreensão dos significados associados à emergência das práticas de assistência à saúde e dos sistemas de ensino modernos, tanto no que diz respeito à constituição da cultura, como no que tange à construção de identidades.

## **Crítica da Cultura**

Pode-se afirmar que a Crítica da Cultura nasce da superação de pressupostos canônicos da arte e da cultura no Ocidente, centrados em valores considerados universais pelo menos até os anos de 1950. Tal superação se revela nos rumos que tomam os estudos da literatura e da indústria cultural, os quais compõem os dois eixos desta linha de pesquisa, e que passamos a descrever a seguir.

A partir dos anos de 1970, devido, sobretudo, ao enfraquecimento da ideia de nação, à voga dos estudos pós-coloniais, ganha força a ideia de cultura no ambiente universitário ocidental, e a literatura comparada – que abrigava as pesquisas referentes à articulação entre as literaturas nacionais e ligava os estudos literários com outras artes e discursos – começa a ser posta em questão. Junte-se a esse contexto cultural e intelectual mais amplo a entrada, nos anos de 1980, no Brasil, do repertório pós-estruturalista, que, com o tópico da morte da literatura e do autor, ataca oposições como alta e baixa cultura, centro e periferia, arte e discurso. Já numa perspectiva materialista, o questionamento dessas oposições se dará, entre nós, pelas especificidades da cultura – e não apenas da literatura – brasileira, entendida como periférica, que não obstante aparece integrada ao sistema mundo, analisado sob os prismas simbólico e econômico.

Desse modo, embora ainda persista como nome e como marca, a literatura comparada passará a promover uma discussão dos seus métodos e pressupostos, abrindo espaço para uma reflexão ampliada sobre a produção cultural e, da mesma forma, no caso específico da literatura, para um entendimento desta a partir de uma perspectiva que poderíamos chamar de global. Assim, não seria exagerado afirmar que, em alguma medida, a comparação entre as literaturas nacionais cedeu lugar aos Estudos Culturais e à Crítica da Cultura, anexando ao seu discurso a própria Crítica da Crítica, isto é, a crítica dos termos de consagração de obras e objetos, bem como dos modos de produção da literatura e da cultura – a indústria cultural.

No âmbito mais específico das séries artísticas, passam a ganhar ênfase não apenas as abordagens universalistas, que põem em xeque os limites culturais e linguísticos antes vinculados principalmente às nações, como também as análises da produção contemporânea e de gêneros e formas antes pouco considerados – o gênero epistolar, o ensaio, a literatura de viagens, a crônica, o manifesto, o texto jornalístico, a letra de música, o cinema, os quadrinhos, a arte contemporânea (vídeo arte, performance, arte digital, instalação) –, os quais, inclusive, expandem o conceito de literatura.

Processo análogo é notado na esfera dos estudos da indústria cultural. Num primeiro momento, eles serão orientados pelas obras da Escola de Frankfurt, buscando entender de que maneira a produção industrial de bens culturais supera a divisão tradicional entre alta e baixa cultura – substituindo-as por uma cultura de massa homogênea. Como resistência a esse processo, no entanto, haverá ainda uma defesa da arte erudita não-fetichizada. Essa visão anti-industrial da produção cultural será, por sua vez, criticada no final dos anos 1970 como “elitista”, já que reintroduz a distinção entre alta e baixa cultura – agora, entre uma cultura ainda não reificada (exemplificada pela música dodecafônica) e uma cultura “pop” (e não mais popular). Assim como nos estudos literários, também nos estudos da indústria cultural as divisões entre alta e baixa cultura serão postos em xeque.

Em seguida, surgem estudos que, buscando superar as distinções de valor estético, tentarão entender (ainda na perspectiva Escola de Frankfurt, mas sob nova chave) os condicionantes materiais da produção cultural. Tais estudos acabam por convergir, nos anos 1990, em pesquisas sobre as indústrias criativas, as quais estão ligadas à produção de políticas públicas de fomento a uma economia da cultura.

## **Cultura e Ciência**

Esta linha de pesquisa aborda as ciências (entendidas em sentido muito amplo) e os saberes no contexto da cultura, a partir de matrizes teóricas e práticas investigativas derivadas de campos como a história, a sociologia, a comunicação e a educação. Ciências e saberes são tratados como fenômenos produzidos culturalmente, ao mesmo tempo que são modificadores culturais. Na medida em que o sucesso prático de um

campo de saber depende da sua interação com o restante da cultura, mais do que de uma imanência epistêmica, a linha de pesquisa promove uma desconstrução do cânone, em sintonia com os Estudos Culturais.

Em paralelo, a articulação entre a linha de pesquisa e a área de concentração concretiza-se no entendimento do caráter plural das ciências: da mesma forma que cultura deixou de ser um conceito monolítico a partir da década de 1960, também o entendimento de ciência se tornou multifacetado. Nesse contexto, faz-se um uso produtivo de conceitos que ganharam proeminência em estudos sobre a cultura de modo geral e, especificamente, no campo dos Estudos Culturais. Valem alguns exemplos:

1. Hibridismo. Assim como perderam força delimitações como literatura culta, literatura de massa e literatura popular, no campo dos estudos sobre a ciência também as práticas de conhecimento vernáculas, “profanas”, ou aquelas proscritas como “pseudocientíficas” tendem a ser consideradas, ao lado de uma alta ciência, como responsáveis pela produção de saberes de uma sociedade. A ciência moderna, nesse sentido, é um complexo sistema de produção e circulação de conhecimentos que não possui nada daquela pureza que os guardiões de suas fronteiras anunciam como justificativa para o policiamento epistêmico que praticam.

2. Descentramento. Dicotomias como ciência contemporânea e ciência antiga, ciência ocidental e ciência não-ocidental, universal e local, pura e aplicada, e, sobretudo, ciência e “não-ciência” guardam uma óbvia hierarquização. Assim é que, por exemplo, em uma abordagem histórico-cultural, avaliar a cientificidade de qualquer corpo de conhecimento do passado em função de critérios presentes não produz um descentramento capaz de pôr os dois termos em níveis hierárquicos equivalentes, e muito menos possibilita a compreensão da formação histórica como um campo de disputas entre os atores envolvidos no fenômeno e na elaboração de sua memória. Da mesma forma, a fetichização de espaços e objetos de uma “verdadeira” ciência – como os laboratórios de pesquisa, os artigos científicos, os especialistas – em detrimento de outros tomados como “inferiores” – as escolas, os produtos da indústria cultural, os amadores – oculta os mecanismos de apropriação, tradução e circulação que conectam os dois domínios.

Tendo as preocupações anteriores em mente, os horizontes de pesquisa da presente linha desdobram-se nas seguintes vertentes:

1. História e historiografia: a historiografia da ciência é tratada em dois níveis. No primeiro, a história da ciência ilumina o fenômeno cultural a que chamamos hoje de ciência por intermédio da análise de atores, práticas, artefatos, instituições, interesses e disputas de outras épocas. Temos especial interesse por contextos coloniais e de formação ou “modernização” nacional. No segundo, nosso olhar volta-se para a própria produção historiográfica sobre a ciência, buscando entender as imagens da ciência que se tornaram funcionais nos trabalhos de história.

2. Comunicação e educação: trata dos artefatos e práticas de circulação de saberes associados à ciência – nas concepções aqui apontadas – e incorporadas e produzidas pelo sistema escolar formal, museus e centros de ciência, divulgação científica, literatura, publicidade, audiovisual, exposições e feiras de ciências, brinquedos, jogos e mídias infantis, ficção científica, incluindo o próprio processo cultural da comunicação científica inter pares.

## **Cultura, Política e Identidades**

Esta linha de pesquisa abriga projetos que tenham como denominador comum o objetivo de estudar o lugar político da cultura, discutindo desdobramentos teóricos e políticos recentes do conceito de cultura a partir da relação central entre identidades e diferenças e das lutas sociais contemporâneas, que introduzem questões clássicas de movimentos sociais contra o capital, atreladas a questões do cotidiano e da subjetividade, resultando na luta por ampliação de direitos, por políticas diferenciadas e pela defesa de culturas locais, com ênfase em processos históricos dos saberes e das subjetividades, levando-se em conta o tema da identidade.

Um dos subtemas da linha são Histórias, no plural, como um reconhecimento de que a própria construção do passado não é uma operação neutra e desinteressada, mas sim um campo de permanentes disputas, envolvendo os próprios pesquisadores. Reconhece-se também que as próprias narrativas em si, independentemente de sua intencionalidade e das práticas sociais que as engendram ou de seu suporte material, se apresentam, no campo dos Estudos Culturais, como objeto de investigação, como pano de fundo de múltiplas interpretações e embates. Essa perspectiva envolve a reflexão sobre os modos de estudar os processos históricos, suas técnicas, teorias e metodologias.

Entende-se que tais narrativas – nesse sentido amplo – são testemunhos da constituição dos Saberes, outro subtema da linha, que se expressa em um interesse especial pelas histórias de práticas de conhecimento, investigadas em seus agentes, que incluem, mas em hipótese alguma se restringem a ‘intelectuais’, ‘letrados’, ‘cientistas’ ou ‘pensadores sociais’ e suas abordagens metodológicas. Inclui também suas formas de mobilização por diferentes grupos sociais e em ‘projetos’ diversos: seus mecanismos, institucionais ou não, de sustentação e de transmissão, novamente incluindo, mas sem restrição, formações como ‘escolas’, ‘universidades’, ‘museus’, ‘currículos’ etc. Finalmente, incluem-se os discursos e as práticas de comunicação, a escuta das narrativas subjetivas e mesmo os artefatos materiais, como registros escritos e visuais, livros, mapas, imagens e coleções, por exemplo, por meio dos quais as narrativas emergem ou são reconstituídas.

Recusando narrativas teleológicas que procuram justificar cânones hegemônicos, como 'a' Ciência, 'a' Filosofia, e 'a' História, a Linha se interessa pelas próprias condições de produção de hegemonias epistemológicas, e inclui estudos sobre práticas de conhecimento radicalmente distintas daquelas que originaram saberes canonizados, abrindo-se também para a história do tempo presente e para a investigação de objetos que não se deixam incorporar em categorias políticas, como o 'Ocidente', e que contribuem para generalizar referências para a construção de Identidades. Além disso, os estudos de outros temas, tais como os deslocamentos populacionais (os movimentos migratórios e o turismo e seus desdobramentos), desafiam essas narrativas teleológicas.

A linha abriga ainda o estudo de motivações político-ideológicas, sociais e teóricas que fizeram com que questões referentes às identidades se tornassem centrais no cenário contemporâneo e os desdobramentos, em termos objetivos e subjetivos, da assunção deste paradigma. Em processo mais amplo, ela trata do estudo de movimentos que politizam identidades, da análise de relações de poder, de sustentabilidade, de identidade, dos deslocamentos, de memória coletiva e de políticas de direitos humanos.

Este último aspecto se amplia ainda mais para incorporar uma destacada preocupação com a história de complexas dinâmicas intelectuais de uma região específica – a América Latina como um todo – marcada por projetos frequentemente conflitantes de emancipação e 'modernização', além de anseios pela produção de conhecimentos 'próprios' ou de se 'universalizar', e pelo reconhecimento de uma identidade própria.